



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE  
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS  
SOLIDÁRIOS  
CAMPUS II CUITÉ - PB

UFPA/BIBLIOTECA

## O Perfil e a trajetória dos alunos da EJA de 6º ao 9º ano do município de Cuité - PB

Sandra Sueli de Oliveira Santos

Cuité – PB  
Outubro - 2013

# O Perfil e a trajetória dos alunos da EJA de 6º ao 9º ano do município de Cuité - PB

Sandra Sueli de Oliveira Santos

UFGIBIBLIOTECA

Monografia apresentada ao curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Ramílton Marinho Costa



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237p

Santos, Sandra Sueli de Oliveira.

O perfil e a trajetória dos alunos da EJA de 6º ao 9º ano do município de Cuité - PB. / Sandra Sueli de Oliveira Santos – Cuité: CES, 2013.

36 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2013.

Orientador: Dr. Ramilton Marinho Costa.

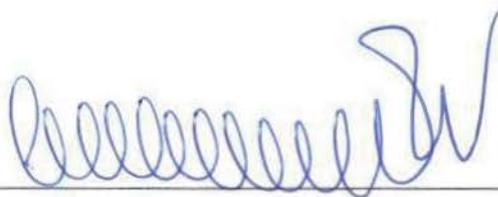
1. Educação de jovens e adultos. 2. EJA – alunos - perfil.  
3. Escola - retorno. I. Título.

CDU 374.7

Sandra Sueli de Oliveira Santos

O Perfil e a Trajetória dos alunos de 6º ao 9º ano do município de Cuité

BANCA EXAMINADORA



Dr Prof. Ramílton Marinho Costa (orientador)



José Justino Filho



José Carlos Oliveira Costa

UFCG/BIBLIOTECA

Data: 30 / 09 / 2013

Nota: \_\_\_\_\_

UFCG/BIBLIOTECA

Dedico este trabalho a toda  
minha família em especial aos meus  
dois filhos (Linsandro e Israel) e ao  
meu amado esposo Lindomar que  
sempre me apoiaram e me deram  
força na minha caminhada.

## Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, que sempre me deu forças e perseverança para conseguir tudo aquilo que almejo. O que seria de mim sem a fé que eu tenho nele?

Aos meus pais, irmãos, meu esposo Lindomar, meus filhos Linsandro e Israel a toda Minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Ao professor Ramílton pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

À professora e coordenadora do curso, pelo incentivo, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

UFCG/BIBLIOTECA

## RESUMO

O presente trabalho traça o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos no contexto de duas unidades de ensino do município de Cuité – PB. Analisamos as suas perspectivas, suas buscas, seus anseios e quais os propósitos de retornarem a escolarização nas salas de aula de educação de adultos. Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo, realizada com base em questionários e nas histórias de vida desses sujeitos sociais, buscando os pontos de convergência que os levam a participarem dessa modalidade de ensino. Constatou-se que os alunos apresentam histórias similares que os fizeram abandonar a escola, mas agora viram a necessidade de retornar. Embora enfrentando várias dificuldades esses jovens acreditam que através dos estudos podem mudar sua história de vida e mesmo a maioria não almejando cursar uma universidade desejam terminar o ensino médio para conseguir um emprego melhor ou até mesmo àqueles que pretendem ingressar no primeiro emprego.

Palavras-chave: EJA, Perfil dos alunos, retorno à escola.

UFCG/BIBLIOTECA

## ABSTRACT

This paper profiles the students of Youth and Adults in the context of two units of local educational Cuité - PB. Analyze their prospects, their pursuits, their desires and what purposes they return to school in classrooms for adult education. This is a qualitative research, conducted based on questionnaires and the life stories of these social subjects, looking for points of convergence that lead them to participate in this type of education. It was found that students have similar stories that made them leave school, but now saw the need to return. Although facing many difficulties these young people believe they can change through studies of life history and even most do not wish to attend university aiming to finish high school to get a better job or even those who want to join the first job.

Keywords: adult education, student profile, return to school.

O Perfil e a trajetória dos alunos da EJA de 6º ao 9º ano do  
município de Cuité - PB

Sandra Sueli de Oliveira Santos

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Ramilton Marinho Costa (orientador)

---

José Justino Filho

---

José Carlos de Oliveira

UFCG/BIBLIOTECA

Cuité – PB  
Outubro - 2013

## Sumário

1. Introdução.....	1
2. Fundamentação Teórica.....	3
3. Metodologia.....	13
4. Resultados e discussão.....	15
4.1 Análise dos dados.....	15
4.2 Interpretações dos dados.....	23
5. Considerações finais.....	26
6. Referência bibliográficas.....	28

## Índice dos gráficos

1. Gênero dos integrantes da EJA/Cuité.....	16
2. Faixa etária dos integrantes da EJA/Cuite.....	17
3. Estado Civil dos integrantes da EJA/Cuité.....	18
4. Renda Média familiar dos integrantes da EJA/Cuité.....	19
5. Sonhos e Expectativas em Relação ao trabalho/Emprego dos integrantes da EJA/Cuité.....	20
6. Tipo de Trabalho exercido pelos integrantes da EJA/Cuité.....	21
7. Sonhos e Expectativas em relação aos estudos dos integrantes da EJA/Cuité.....	22

# 1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de Educação sobre a qual muito se tem discutido muito nos últimos tempos por diversos educadores e pesquisadores. Dentre estes estudos destaca-se o de Arroyo (2000), que afirma que a modalidade ainda traz em sua história diversas marcas da negação. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB nº 9394 de 1996, que configura a EJA como uma modalidade da Educação Básica nas etapas do ensino fundamental e médio, ainda não foi o suficiente para assegurar aos jovens e adultos uma educação atendendo às suas especificidades. Encontramos respaldo em Arroyo (2007, p.19) quando este considera ser característica marcante do momento vivido pela EJA “a diversidade de tentativas de configurar sua especificidade”.

Buscar conhecer o aluno constitui-se um referencial para proporcionar aulas mais atrativas e significativas em que educador e educando constroem junto o saber tornando o momento da escola mais atrativo e prazeroso. Um trabalho com jovens e adultos é antes de tudo um desafio, tendo em vista as diversas dificuldades que irá enfrentar. Buscar sempre inovar e procurar métodos que facilitem a aprendizagem dos alunos da EJA é um dos desafios atuais dos professores, que muitas vezes se desdobram entre uma escola e outra para poder sobreviver.

Pretendemos, através desse trabalho, apresentar um pouco da trajetória de vida desses alunos da EJA, buscando conhecê-los, e analisando quais os motivos que fizeram retornarem para escola. Com base nisso, esse trabalho visa identificar as condições socioeconômicas em que estão inseridos e as suas expectativas em relação ao futuro. Pois sabemos, é comum encontrarmos alunos de EJA desestimulados muitas vezes com baixa estima provocada pelas várias situações de fracasso escolar. A sua passagem pela escola, na maioria das vezes, foi marcada pela exclusão e/ou insucesso escolar. É nesse contexto que muitos retornam à escola, revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal diante dos novos desafios que irão enfrentar.

É importante conhecer os motivos que fizeram esses alunos retornarem a sala de aula e, a partir daí, construir um projeto de ensino que atenda as suas reais necessidades.

Desse modo, esse trabalho tem o intuito de compreender melhor quem são esses jovens e adultos que frequentam as salas da EJA em busca de formação e quais são as expectativas que esses alunos trazem ao *retornarem a escola*. Foi a partir desses questionamentos que nasceu o desejo de desenvolver essa pesquisa.

Escolhemos para o estudo de caso um grupo de alunos das escolas Municipais Tancredo de Almeida Neves e Elça Carvalho da Fonseca, localizadas em Cuité - PB.

Embora, não seja possível fazer generalização, é possível inferir a partir do conhecimento da modalidade de ensino EJA, que os alunos, cuja trajetória de vida os impossibilitou de frequentar a escola na idade regular, e cuja, realidade social e econômica é a pobreza, vivem situações paradoxais. O paradoxo é resultante, por um lado, da necessidade de se ter acesso aos bens da cultura e, por outro lado da dificuldade que a própria condição social e econômica desses alunos lhe impõe e, os levam a adiar o seu projeto de ler e escrever.

Pensando nisso, um aspecto que está intrínseco nessa situação é a forma como esses alunos retornam para a sala de aula, totalmente desmotivados e sem nenhuma expectativa para o futuro. Faz-se necessário pensar estratégias que garantam além do direito e o acesso à sala de aula, formas de como motivar e atrair esses jovens para uma efetiva educação de qualidade e que não fuja as reais necessidades dos alunos da EJA.

Uma prova disso se dá pelo contraste que é a matrícula inicial com a conclusão do ano letivo. A grande maioria das salas de aula de EJA inicia o ano letivo com turmas bastante numerosas e a partir do segundo semestre começa a esvaziar-se, terminando o ano com uma quantidade bem pequena de alunos.

Portanto, conhecer o perfil apresentado pelos alunos da EJA é fator indispensável para a compreensão da realidade em que o circunda e para um trabalho mais coerente e proveitoso que busque através da exploração do seu contexto maneiras de facilitar a sua aprendizagem;

Com o intuito de aprimorar os conhecimentos enquanto professora e educadora optei pelo curso de especialização em EJA com o objetivo de poder entender melhor os nossos alunos que não tiveram oportunidade de concluir o ensino regular.

Sabendo que a sociedade atual exige uma mudança urgente de nossos procedimentos, ela necessita de nossa colaboração no sentido de provê-la de cidadãos pensantes, críticos, criativos, conscientes e participativos, sem os quais não sobreviverá neste mundo globalizado. Por isso, devemos garantir um ensino adequado à nossa época.

Mobilizar as inquietudes através de algumas reflexões sobre a EJA, ainda se faz necessário no atual contexto educacional brasileiro, em debatermos a questão da qualidade do ensino público. Por isso, este trabalho propõe-se considerar e refletir sobre o porquê da retomada destes alunos e alunas à escola, situada em um determinado tempo e espaço sócio-cultural.

Concordo com as afirmações de Arroyo (2000) no que se diz respeito às várias formas de negações em que esses jovens e adultos estão inseridos. Quando voltam à escola sentem-se “um peixe fora d’água”, sempre taxados de bagunceiros e desinteressados. Na verdade esses jovens e adultos estão desmotivados por vários motivos e um deles e talvez o principal seja que muitos deles já tenham passado por várias reprovações.

## 2. Fundamentação Teórica

Sabendo que a escola não é o único espaço de produção e socialização dos saberes é imprescindível conhecer a história, cultura e costumes do jovem e adulto, que delimitam um determinado grupo social de educandos, sujeitos com diferentes experiências de vida, com uma gama de conhecimentos extraescolares adquiridos em outras instâncias sociais, e que em algum momento afastou-se da escola, devido a fatores sociais, econômicos, políticos e /ou culturais. Entre esses fatores, destacam-se o ingresso precoce no mundo do trabalho, a evasão e a repetência escolar.

O perfil deste educando é caracterizado por Oliveira ( 1999 ) como:

(...) o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não-qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muitos frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo (OLIVEIRA, 1999).

Perceber o jovem e adulto no contexto da escolarização é considerar um traço cultural relevante que é a sua condição de excluídos da escola regular. E esta situação de exclusão contribui para delinear a especificidade dos jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem. Outro fator que merece ser mencionado é adequação da escola para um grupo que não é o “alvo original” da Escola Básica regular. A teoria do déficit e da diferença cultural, atribuídos como fatores determinantes do fracasso escolar, no interior do cotidiano escolar, pode ser compreendida como:

(...) inadequação da escola decorre muito mais de sua má qualidade, da suposição de que os alunos pobres não têm habilidades que na realidade muitas vezes possuem, da expectativa de que a clientela não aprenda ou que o faça em condições em vários sentidos adversas à aprendizagem, tudo isso, a partir de uma desvalorização social dos usuários mais empobrecidos da escola pública elementar. É no mínimo incoerente concluir, a partir de seu rendimento numa escola cujo funcionamento pode estar dificultando, de várias maneiras, sua aprendizagem escolar (PATTO, 2000, p. 407-408),

Dessa forma, para poder intervir de forma significativa nessa escola de EJA é preciso identificar esses jovens e adultos, como pensam, aprendem e agem no seu lugar social, a sua condição de “não crianças”, de excluídos da escola e de membros de determinados grupos

culturais e principalmente compreender que o educando de EJA relaciona-se com o mundo do trabalho na sua busca de melhorar sua qualidade de vida e ter acesso aos bens produzidos pelos homens. Isso significa contemplar na escolarização, e especificamente na organização curricular, discussões sobre a função do trabalho na vida humana e as competências cognitivas necessárias a EJA, a partir das mudanças estruturais das novas formas de produção. Investigar e proporcionar novas e diferentes possibilidades de organização do trabalho pedagógico para esta modalidade de ensino, em atendimento ao perfil dos alunos da EJA é fator imprescindível.

A escolarização de jovens e adultos na sociedade contemporânea torna-se necessária diante das novas competências exigidas pelas transformações da base econômica do mundo do trabalho, com suas mudanças e inovações nos processos produtivos. Essas novas exigências tornam indispensável o acesso ao saber básico, como a leitura e a escrita, cálculo, cultura e atualizações, para a “sociedade do conhecimento” e inclusão nas oportunidades do mercado de trabalho.

Através da escola o jovem e adulto tem a oportunidade de reaver seu potencial, desenvolver suas habilidades, assegurar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitando um nível técnico e profissional mais qualificado.

(...) a ampliação do ensino público acabou produzindo um elevado contingente de jovens e adultos que, apesar de terem passado pelo sistema de ensino, nele realizaram aprendizagens insuficientes para utilizar com autonomia os conhecimentos adquiridos em seu dia-a-dia. O resultado desse processo é que, no conjunto da população, assiste-se à gradativa substituição dos analfabetos absolutos por um numeroso grupo de jovens e adultos cujo domínio precário da leitura, da escrita e do cálculo vem sendo tipificado como analfabetismo funcional. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, P.126).

A escolarização de jovens e adultos embora tenha direito legal assegurada pela Constituição Federal de 1988, no artigo 208 e reforçada pela LDBN 9394/96 que reafirma a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos que não tiveram acesso na idade própria, necessita na prática da sua efetivação, de políticas públicas garantidas pelo Estado. Segundo BEISIEGEL (1999), “(...) a referência para a avaliação da validade da educação do adulto analfabeto não pode ser remetida para o mercado, o trabalho ou a economia. Esta referência deve estar situada, necessariamente, nas exigências da cidadania na sociedade contemporânea que certamente, incluem os direitos à educação”.

A escolarização de jovens e adultos requer procedimentos e organização adequados às características dos alunos, além do necessário domínio das técnicas de trabalho pedagógico, com exemplos de atividades educativas, tempo e espaço pedagógico, de modo a adequá-los às peculiaridades e às possibilidades destes educandos. É importante não esquecer que a principal

peculiaridade desses jovens e adultos em processo de escolarização é a sua condição de portadores de uma situação de classe. Dessa forma, os conteúdos, a organização curricular, métodos, materiais didáticos, enfim todo o processo educativo será sempre uma educação política.

“Pensar na escolarização de jovens e adultos significa flexibilizar currículos, meios e formas de atendimento, integrando as dimensões de educação geral e profissional, reconhecendo processos de aprendizagem informais e formais, combinando meios de ensino presencial e à distância, de modo a que os indivíduos possam obter novas aprendizagens e a certificação correspondente mediante diferentes trajetórias formativas, mais adequadas às suas necessidades e características. Vera Kaio Kawahara (2008)

De acordo com Gadotti (2001) esses jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego e os baixos salários comprometem o processo de alfabetização desses jovens e adultos, fazendo-os muitas vezes desistir de freqüentar as aulas. Dessa forma, de acordo com Maia (2001), o educador que vai trabalhar com os alunos da EJA deve relacionar os conteúdos com a vida dos alunos, com sua realidade existencial, pois na maioria dos casos eles sofrem com questões familiares, profissionais, conjugais, preconceito entre outras. Diante disso é indispensável que o professor além de mediador de informação também seja um estimulador a prática escolar para que a evasão não seja vista de maneira normal para que diminua essa prática tão frequente nas salas de aula de Eja.

A Educação de Jovens e Adultos veio para possibilitar a esses jovens e adultos benefícios que devem ser garantidos à classe trabalhadora, ao disponibilizar o acesso a educação e a profissionalização elevando o nível de escolaridade de uma população historicamente aquém do sistema educacional, promovendo dessa forma não só a inclusão educacional como também social de um grande número de jovens e adultos que não concluiu o ensino médio, focando assim a educação como importante meio para a empregabilidade e logo, para a redução da pobreza, se destacando especificamente para jovens e adultos, como um mecanismo de contenção da marginalidade.

Ressaltando que a educação deve ser de fácil acesso e ter como objetivo incluir essa população no mercado de trabalho com o devido preparo, mas para isso é necessário também que os educadores da EJA considerem a bagagem de experiência e conhecimento que seu aluno traz, para transformar as informações já adquiridas por esse aluno em conhecimento único, capaz de auxiliá-lo na sua vida profissional.

A realidade que cerca os alunos trabalhadores da EJA é muito difícil. Essa população apresenta um grande contingente de jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade, mas que almejam na volta dos estudos uma nova chance de recuperar a autoestima perdida e a identidade humana e cultural, que segundo O Instituto Unibanco (2006) vai favorecer a realidade existencial desses educandos, favorecendo-os novas conquistas, ações e ampliando sua visão de mundo, tornando-se conscientes e capazes de mudar sua realidade. Sabemos também que esses jovens e adultos são vistos como pessoas desqualificadas para o exercício da cidadania, sem contribuição como pessoas constitutivas e construtoras de conhecimento. São indivíduos que convivem e enfrentam preconceitos, críticas e discriminação, tanto no ambiente familiar como na vida em sociedade.

Vale ressaltar que os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que esta visão está mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa.

Os jovens e adultos buscam na escola, mais do que conteúdos institucionalizados, prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são esses alunos querem se sentir sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente, para que dessa forma cresça como cidadãos capazes.

Dentro desse contexto os alunos da EJA buscam a escola para satisfazer necessidades particulares básicas, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não apresentam um bom domínio da leitura e a escrita.

Porém, o que devemos ressaltar é que a riqueza do conjunto cultural apresentada por essas pessoas é muito importante para a sua aprendizagem. A cultura marca a visão de mundo e é a base aonde a construção de conhecimentos vai se constituir. É fundamentalmente importante lembrar que o jovem e adulto analfabeto é um trabalhador, às vezes em condição de subemprego ou até desempregado. De camadas populares, filhos de trabalhadores também não qualificados com baixo ou nenhum grau de instrução e com uma curta passagem pela escola.

Devemos está ciente também que esses homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder

aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações, ou a televisão que é apontada como principal fonte de lazer e informação.

A EJA não deve ser uma reposição da escolaridade perdida, como normalmente se configuram os cursos acelerados nos moldes do que tem sido o ensino supletivo. Deve sim construir uma identidade própria, sem concessões à qualidade de ensino e propiciando uma terminalidade e acesso a certificados equivalentes ao ensino regular. (GADOTTI, 2008, p.121)

De acordo também com Oliveira (1999):

O adulto, para a educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

Na EJA, o jovem não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Como o adulto, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio.

Entretanto fazer uma reflexão, buscar entender sua complexidade, sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de "não-crianças", a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas.

De acordo com Haddad:

[...] trazem no corpo e na fala as marcas de outras regiões, sinais identificadores de seu grupo social. A cor da pele, as marcas das dificuldades da vida, a maturidade de quem foi obrigado a precocemente entrar no mercado de trabalho caracterizam o grupo social do curso noturno de maneira diferenciada aos bem-nascidos dos cursos regulares diurnos (HADDAD, 1997, p.156).

A educação é um procedimento de longo prazo e contínuo, é um conhecimento para a democracia e a cidadania entre outras práticas. Quando a escola perde essa função ela passa a representar a negação de um direito constitucional para o cidadão, decorrentes de um conjunto de dificuldades sociais. As dificuldades são muitos e não únicos da educação, pois o descompromisso é crescente na saúde, moradia, segurança, trabalhos, neste processo, constataram cada vez mais contingentes de sem-teto, sem-emprego, sem-terra, entre outros, não seria fora de propósito acrescentar que neste quadro descrevem que eles também estão ligados à esfera do não acesso à escolarização.

Sobre isso Gadotti afirma:

“Tão importante quanto o direito à escola é garantir que todos aprendam com uma educação de qualidade. Neste sentido, não são os nossos sistemas educacionais que tem direito a certos tipos de alunos. É o sistema escolar de um país que tem que se ajustar para satisfazer as necessidades de todos os alunos. É necessário tornar a aprendizagem mais significativa para todos, terem propostas alternativas que estejam comprometidas com uma educação de qualidade para esses jovens e adultos.” (MOACIR GADOTTI 2008)

Tradicionalmente, a escola tem sido marcada em sua organização por critérios seletivos que tem com base a concepção da homogeneidade do ensino, dentro da qual alguns estudantes são rotulados. Esta concepção reflete um modelo caracterizado pela uniformidade na abordagem educacional do currículo: no material didático, no planejamento, numa aula, no conteúdo curricular, na atividade para todos em sala de aula. O estudante que não se enquadra nesta abordagem permanece à margem da escolarização, fracassa na escola elevando a evasão. O não reconhecimento da heterogeneidade no aluno da EJA contribui para aprofundar as desigualdades educacionais ao invés de combatê-las.

Os perfis do aluno da EJA da rede pública mostram que são na sua maioria trabalhadores proletariados, desempregados, dona de casa, jovens, idosos, Portadores de deficiências especiais. São alunos com suas diferenças culturais, etnia, religião, crenças.

O aspecto do aluno trabalhador que chega às vezes tarde na escola, cansado e com sono e querem sair mais cedo, isso quando eles vêm para a aula. Eles acham que não são capazes de acompanhar os programas ou que o programa não traz a realidade para o seu cotidiano, são vários os motivos para evadirem. A sua grande maioria desistem porque precisam trabalhar. O trabalho é mais importante, é uma necessidade para o que precisam, há uma questão difícil de resolver, ou consistir em combinar escola e trabalho. Essa combinação também é problema do ponto de vista do docente, da grade curricular, da própria gestão da escola, causando desconforto para esses jovens e adultos que estudam no horário da noite. O não reconhecimento da heterogeneidade no aluno da EJA contribui para aprofundar as desigualdades educacionais ao invés de combatê-las.

É preciso buscar a reflexão sobre o papel da escola, do professor, dos educando de frente as suas práticas o qual a finalidade real que este pretende atingir, posto que o professor precise antes de qualquer coisa entender sua tarefa social dentro da sala de aula, para poder trabalhar um modelo educacional comprometido de fato com as transformações sociais, que a escola assuma seu papel, e necessário ter a realidade deste aluno, é impossível continuar a caminhada sem rever a prática Curricular.

É preciso destacar que a questão curricular traz uma metodologia oficial de elaboração de um documento formal, onde podemos destacar como guia curricular é uma forma de compreensão que não pode deixar de fora a técnica de produção sociocultural, o processo de efetivação da Educação permanente, que considere as necessidades e incentive as potencialidades do educando; promova a autonomia dos jovens e adultos, para que sejam sujeitos da aprendizagem; educação vinculada ao mundo do trabalho e às praticas sócias; projeto pedagógico com flexibilidade curricular e conteúdos curriculares pautados em 3 princípios: contextualização, reconhecimento de identidade pessoal e das diversidades coletivas (Parecer CEB 11/2000).

Em função destes princípios, novas funções são estabelecidas para a Educação de Jovens e Adultos: Reparadora ao reconhecer a igualdade humana de direitos e o acesso aos direitos civis, pela restauração de um direito negado; Equalizadora ao propor igualdade de oportunidade de acesso e permanência na escola e, qualificadora ao viabilizar a atualização permanente de conhecimentos e aprendizagens continua (Parecer CEB 11/2000).

O currículo é acentuado formalmente, proposto por uma especialista a partir de o estudo de modelos idealizados das atividades pedagógicas e do processo de ensino-aprendizagem dos que a ela serão submetidas. É necessário repensar nessa realidade, dos métodos educativos e

essa construção do currículo são colocando em prática na modalidade da EJA Sabemos que as Diretrizes Curriculares apresentam alguns avanços do ponto de vista pedagógico existindo uma preocupação com a especificidade etária e sociocultural dos jovens e adultos atendidos no sistema educacional. Destacam a formulação de projetos pedagógicos próprios e específicos para a Educação de jovens e Adultos, que leve em consideração na sua organização.

De acordo com Diniz:

“O processo de alfabetização das turmas de EJA esta ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidos com crianças nas séries iniciais. Isso não quer dizer que o professor vá trabalhar lançando mão dos mesmos materiais e estratégias com públicos tão distintos. Não faz sentido. Esse é um dos motivos que levam os mais velhos a fracassarem e abandonar a escola”. (Diniz 2009)

É preciso escolher textos e músicas, por exemplo, que tenham a ver com o mundo desses estudantes e despertem e curiosidade deles. Outro ponto imprescindível para o sucesso do grupo está na forma como o educador apresenta seu discurso. Ele deve manter um diálogo constante com os alunos sobre as estratégias que adota sobre o que esses alunos gostariam de ver, sobre sua realidade. O educador não deve deixar de lado o tradicionalismo e contagiar o ensino e a aprendizagem, dever propor mais atividades que envolvam o seu meio, agir de forma construtivista relacionando o seu conteúdo com a realidade dos mesmos. O educador deve repassar os conteúdos com calma, tornando os conteúdos compreensíveis, de fácil entendimento, que não deixa os alunos ficar na dúvida tendo sempre paciência em explicar, se caso necessário, tudo de novo.

Deve-se ressaltar que esses jovens já possuem uma bagagem cultural, um saber próprio, precisando apenas de algumas orientações e/ou instruções de profissionais capacitados no assunto, os quais a partir da realidade dos educandos devem favorecer aos mesmos, autonomia, estimulando-os a avaliarem constantemente seus progressos e suas carências provando para elas que é possível sim, a sua aprendizagem e como ela acontece.

Diante do exposto estes profissionais precisam ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos educativos que integram um projeto pedagógico, definindo as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos alunos, devem ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa turma poderá encontrar alunos com diferentes bagagens culturais e que já trazem alguns conhecimentos sobre o mundo letrado, que adquiriram em breves passagens pela escola ou na realização de atividades cotidianas. Segundo Ribeiro (2001) é

inegável, entretanto, que a participação dessas pessoas nessas atividades é muito precária, limitada e dependente; outro fator relevante é que a exclusão do conhecimento que se adquire na escola marca essas pessoas profundamente pela imagem que fazem de si e pelo estigma que a sociedade lhes impõe. Este é um dos motivos pelo qual muitas delas, mesmo tendo outras responsabilidades no trabalho e em casa decidem estudar.

Acreditar no potencial desse jovem é essencial para estimular a sua capacidade de aprender, criar, propor e escolher, dando-lhe oportunidade de se expressarem livremente, de refletirem e criticarem, pois a educação é um trabalho de trocas, em que se ensina e se aprende dos dois lados, é um ato de amor, solidariedade e coletividade. Como afirma Freire (1980), a educação é a conscientização pelo desvelamento da realidade pelo estabelecimento de um projeto de transformação da mesma e pelo compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens e sua inserção na construção da sociedade e na direção da mudança social, substituindo a realidade mágica por uma mais crítica, baseada no diálogo e modificando o conteúdo dos programas de educação para a contextualização da realidade desses jovens e adultos.

Pode-se perceber que o Ensino de jovens e adultos é na realidade um projeto louvável que busca resgatar muitas pessoas que estão fora de um padrão sócio-educativo, mas há de se reconhecer que ainda falta muito para ser feito, como melhores estruturas, material e professores mais preparados. Mesmo porque muitos adultos buscam na escola não somente a questão da melhoria de trabalho, mas uma forma e talvez a única possibilidade de conviver com os outros e saírem das mesmices dos lares.

Assim, por ser um ambiente social, a escola também é importante no que diz respeito a convivência entre as pessoas e na ampliação dos laços de amizades.

A economia solidária não se resume a um produto, a um objeto. Ela se constitui num sistema que vai muito além dos próprios empreendimentos solidários. Ela é, sobretudo, a adoção de um conceito. A economia solidária respeita o meio ambiente, produz corretamente sem utilizar mão de obra infantil, respeita a cultura local e luta pela cidadania e pela igualdade. A economia solidária implica comércio justo, cooperação, segurança no trabalho, trabalho comunitário, equilíbrio de gênero e consumo sustentável (produzido sem o sofrimento de pessoas ou de animais). Além disso, a margem de lucro é discutida coletivamente entre o produtor e o vendedor. O que cada um ganha é discutido coletivamente. A economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. Por isso a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica:

O projeto proposto pela economia popular e solidária tem entre seus principais fundamentos o desafio de estruturar uma economia que se alimente da inclusão social e da distribuição de renda, em um contexto em que signifique a radicalização da democracia política na direção da democracia econômica, a única capaz de trazer soluções definitivas aos problemas sociais. (Arroyo, 2006, p. 53)

Hoje, a economia solidária destaca-se como um rico processo em curso, regido pelos princípios da *solidariedade*, da *sustentabilidade*, da *inclusão social* e da *emancipação*. Ela representa uma grande esperança de transformação do modo como produzimos e reproduzimos nossa existência no planeta. Uma das características mais marcantes da economia solidária é o seu sistema de **gestão**, nitidamente distinto do setor privado capitalista. A gestão capitalista está ligada ao acúmulo do capital e ao lucro, ao passo que a gestão solidária está ligada à melhoria da qualidade de vida dos associados, ao empreendimento econômico solidário, a um modo de vida sustentável e ao bem viver da população. São princípios ético-políticos antagônicos aos da gestão dos negócios capitalistas que não beneficia a todos, mas a seus proprietários.

Segundo Paul Singer (2002, p. 10), a economia solidária é um modo de produção “cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. Na empresa capitalista, os salários são desiguais: diretores ganham mais do que gerentes e estes, mais do que os técnicos e vendedores. Na empresa solidária, os sócios não recebem salário, mas sim retiradas que variam conforme a receita obtida. “Alguma desigualdade é tolerável desde que ela sirva para melhorar a situação dos menos favorecidos” (Idem, p. 13), conclui Paul Singer.

As práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultural que só a formação pode estabelecer. A economia solidária está fortemente ligada à necessidade de formação cultural. Trata-se de uma mudança profunda de valores e princípios que orientam o comportamento humano em relação ao que é e ao que não sustentável. A eficiência econômica está ligada não só a valores econômicos, mas também a valores culturais das práticas solidárias. As empresas solidárias, por seu caráter, devem ser Autogestionárias.

### 3. Metodologia

A metodologia a ser utilizada foi basicamente a coleta de dados/informações através de uma pesquisa de campo contendo 02 (dois) questionários aplicados a 59 (cinquenta e nove) alunos do 6º/7º ; 8º/9º anos contendo perguntas abertas e fechadas. O questionário com perguntas subjetivas foi feito ainda na realização do projeto de pesquisa e tinha o intuito de identificar, principalmente, o perfil socioeconômico dos jovens, com relato de experiências de alguns alunos. Enquanto outro foi aplicado já na fase final da monografia com questões fechadas para identificar os sonhos e expectativas desses alunos com relação ao futuro. Além disso, este trabalho contém resultados de 1 (uma) entrevista realizada com a coordenadora Geral da EJA no município de Cuité a senhora Flávia, diretores das respectivas escolas que funcionam a EJA e algumas conversas com professores para saber, principalmente, algumas características com relação aos jovens que frequentam a EJA.

Tem como pretensão identificar os motivos que fizeram os alunos desistirem de estudar na idade regular, bem como as perspectivas do seu retorno. Como intuito de traçar o perfil socioeconômico de cada aluno, traçar a trajetória dos mesmos, os motivos pelos quais não foi possível prosseguirem os estudos quando criança, e o/os motivo(s) do retorno. As questões visaram também compreender a percepção do aluno quanto à importância da escola na vida dos mesmos.

O *locus* da pesquisa foram duas escolas de ensino fundamental do município de Cuité – PB. A Escola Elça Carvalho da Fonsêca que funciona desde o ano de 1985, inicialmente apenas com Ensino Fundamental I e depois em 1998 iniciou Ensino fundamental II e a Escola Tancredo de Almeida Neves. Os sujeitos da pesquisa são constituídos de sessenta alunos, dois diretores, e a coordenadora geral da EJA no município.

As turmas que foram pesquisadas são de 6º/7º ano (28 alunos) e 8º/9º ano (31 alunos). Essas turmas são compostas na sua grande maioria por alunos jovens e adolescentes com idade entre 16 a 20 anos que foram alunos da própria escola no Ensino regular e migraram para a EJA por causa da idade.

A Escola Elça Carvalho da Fonseca está localizada na Rua José Cassimiro Dantas, nº 247 no centro de Cuité. Tem como diretora a professora Norma Lúcia Gomes Fernandes. Trabalha atualmente com Ensino regular no período diurno e EJA no noturno. Há 401 (quatrocentos e um) alunos distribuídos em seis salas de aula nos três turnos, dentre eles os que estudam na EJA (80 alunos). Conta com uma equipe pedagógica bem diversificada na qual tem supervisor,

coordenador, diretor, vice-diretor e um quadro de professores onde praticamente todos tem licenciatura na área que atua.

A Escola Tancredo de Almeida Neves está localizada na Rua Gilcele Gomes s/n, Bairro Jardim Planalto. Tem como diretora a professora Lucivânia. Funciona atualmente ensino regular durante o período diurno e EJA no Noturno. Contém aproximadamente 350 alunos distribuídos nos três turnos em seis salas de aula, sendo 45 matriculados na EJA 1º ao 5º ano e uns 25 matriculados em duas turmas de EJA de 6º ao 9º ano. Os sujeitos que participaram da pesquisa, nessa Escola foram 17 alunos da turma de 8º e 9º anos.

## 4. Resultados e discussão

### 4.1 Análise dos dados

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino, amparada por Lei voltada para aquelas pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade própria. O objetivo é atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência, seja pelo número inferior de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis.

Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às turmas de Educação de Jovens e Adultos. Por isso, o professor de Educação de Jovens e Adultos deve também ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. No perfil do professor de Educação de Jovens e Adultos a característica essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno adulto é o comprometimento com o jovem que vê no seu professor como um modelo a seguir. Na prática o que acontece é totalmente o contrário. São professores desqualificados que na maioria das vezes já estão com uma carga horária superlotada que usam o ensino de EJA apenas para completar suas aulas.

É necessário que a sociedade entenda a complexidade desse tipo de aluno que traz características bem diferentes do aluno do ensino e idade regular. O aluno de Educação de Jovens e Adultos vivencia problemas como discriminação, preconceito, vergonha, críticas, dentre tantos outros vivenciados tanto no âmbito escolar, quanto familiar e também na vida em comunidade.

Com o intuito de compreender melhor essas características do aluno da EJA foi realizada esta pesquisa.

Inicialmente, a pesquisa apontou que quanto ao gênero podemos perceber que os homens são maioria nas salas de aula de EJA, mostrando que as mulheres (casadas), mesmo de forma inconsciente, ainda estão atreladas à cultura de cuidar do marido e das obrigações domésticas. Enquanto as solteiras são mais acomodadas ou não se preocupam em terminar os estudos. Quanto às mulheres 80% das pesquisadas são donas de casa recebem algum benefício do governo e o restante trabalha no comércio ou na agricultura.

Aproximadamente 50% das jovens mulheres entrevistadas, salientaram a gravidez precoce ou casamento como motivo fundamental para o abandono dos estudos na escola regular. Estas respostas nos remetem à vulnerabilidade social dos jovens e a desinformação em relação aos conteúdos relacionados com o contexto social do mesmo.

O acesso limitado à educação de qualidade e a fragilidade na manutenção dos sistemas escolares, a inequação da qualificação para o mundo do trabalho, envolvimento com drogas e a

inexistência de oportunidades de lazer também aparecem como outros fatores de abandono. Esses dados levam a constituição do grupo mais vulnerável da população.

Nesse sentido, Ferreira (2007), nos discutindo sobre escolarização feminina aponta que:

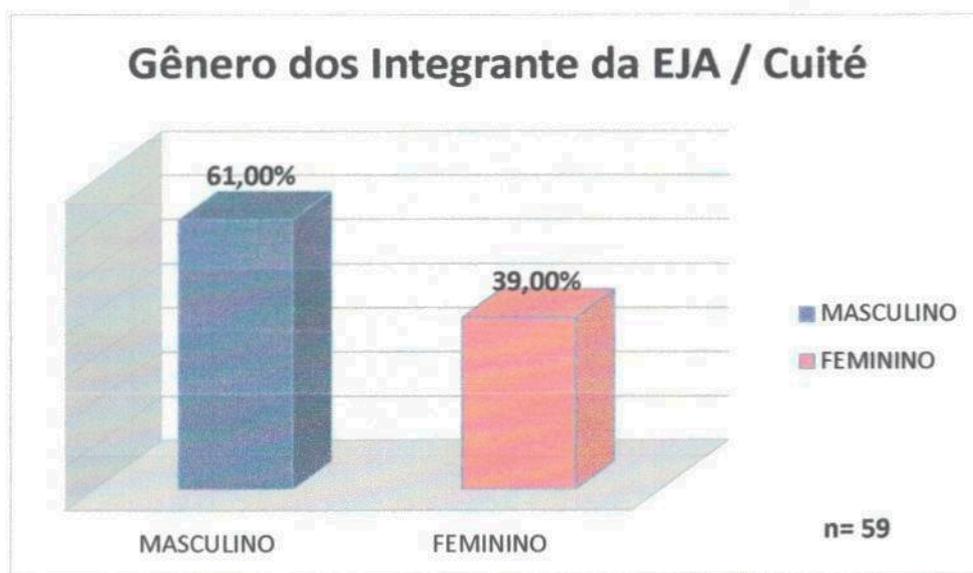
[...] por tradição histórica, a mulher teve sua existência atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio masculino, seja pai, esposo ou mesmo o irmão. Sua identidade, segundo esses estudos, foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privada-doméstica, fora dos muros dos espaços públicos. E por essa tradição, construída historicamente, a mulher se viu destituída de seus direitos civis. Não podia participar de uma educação que fosse capaz de prepará-la para poder administrar sua própria vida e de ter acesso às profissões de maior prestígio. Assim, por um longo período histórico, a família, a igreja e a escola, elementos inerentes a esse processo, enquanto instituições, vão sustentar esse projeto moralizador, tutelando a mulher ao poder econômico e político do homem brasileiro (FERREIRA, 2007, p. 15).

Analisando outros motivos para a não conclusão do ensino fundamental os alunos, em geral, salientaram as condições financeiras e a necessidade de trabalhar para o sustento da família como principais motivos. O depoimento de dona Maria aluna da 8ª série exemplifica bem essa questão: “Parei de estudar porque eu só levava a vida em trabalhar, antes não tinha muita oportunidade, hoje está muito diferente, tudo é mais fácil.”

Apoiamo-nos em Gaudêncio Frigotto para afirmar que:

“Uma característica marcante dos jovens pertencentes a programas de inclusão é que estes são, em sua grande maioria, filhos de trabalhadores e moradores de bairros populares ou, ainda, moram em acampamentos ou assentamentos. Ainda nossos resultados, ainda que prévios apontam para particularidades e especificidades destes alunos, tais como amadurecimento e entrada no mercado de trabalho precoces.”

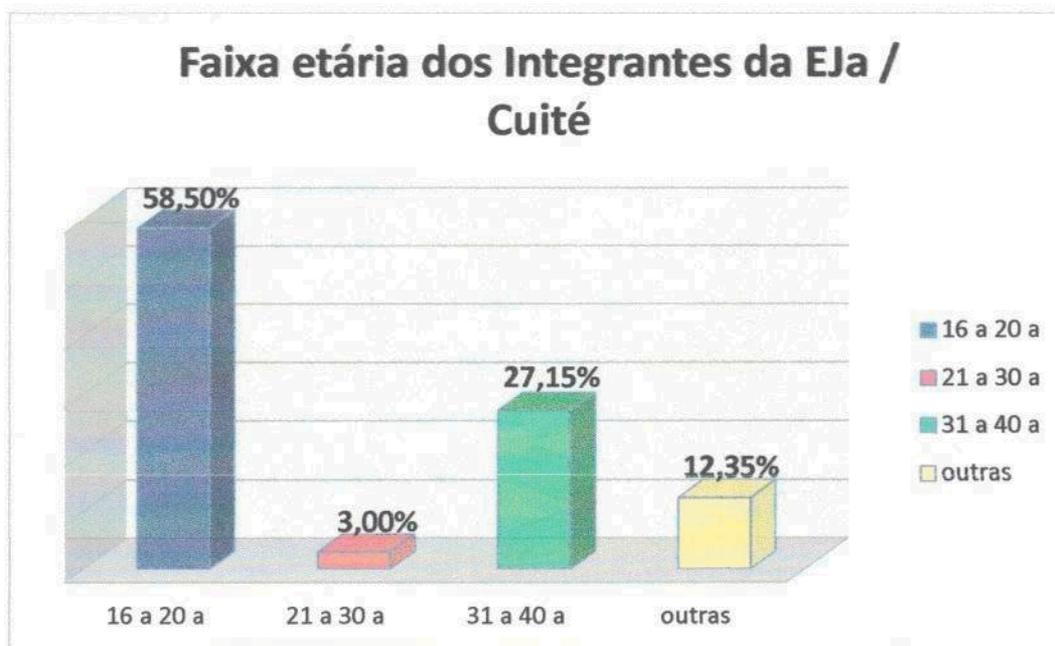
Gráfico 1



Com relação a idade podemos observar que a maioria dos alunos que compõem a EJA, hoje, são jovens que tem entre 16 e 20 anos que pararam de estudar pelos vários motivos acima elencados e ou ainda àqueles que tiveram sucessivas reprovações no ensino regular, ou ingressam na EJA para concluir mais rápido o Ensino fundamental. Nessa faixa etária, o principal motivo de estar na EJA é pelo fato de ter sido reprovado várias vezes no ensino regular e acreditam que terminando mais rápido terão mais chance de melhorar de vida. Como relata Marcelo aluno pesquisado: “Minha expectativa é estudar e ter um bom emprego”

Esta faixa etária é considerada como problema pela sociedade. Atualmente esta tende a ver a juventude como sinônima a problemas e, por isso se constitui como forte motivo de preocupação quanto ao futuro do País. São duas as imagens da juventude que predominam hoje nos meios de comunicação e na opinião pública. De um lado, nas propagandas e nas novelas, estão os jovens bonitos, saudáveis, alegres e despreocupados que oferecem modelos de vida e de consumo aos quais poucas pessoas reais têm acesso. De outro, nos noticiários, estão os jovens envolvidos com problemas de violência ou comportamentos de risco, que são, na maior parte das vezes, negros e oriundos dos setores populares (MANUAL DE ORIENTAÇÕES GERAIS do Projovem, 2007, p. 16).

Gráfico 2

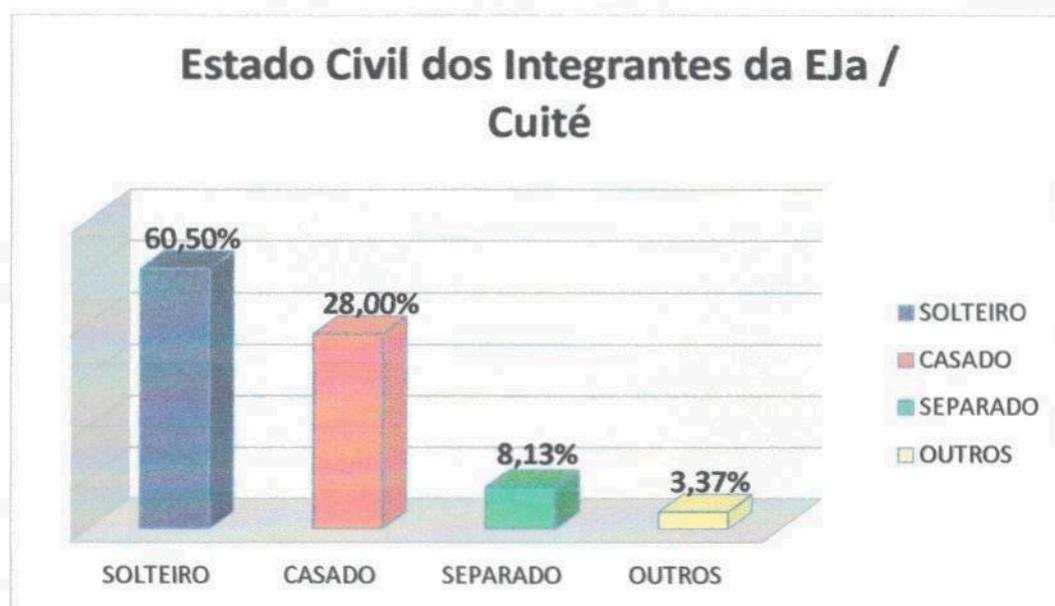


UFCG/BIBLIOTECA

Analisando a questão familiar observa-se que a maioria dos entrevistados, cerca de 60% (setenta por cento) é solteira e mora com a família. Família esta, composta pelos mais diversos

personagens tais como: pai, mãe, filhos e seus padrastos, irmãos, tios, avós, sobrinhos e aproximadamente 70% (setenta por cento) tem uma renda igual ou inferior ao salário mínimo.

Gráfico 3



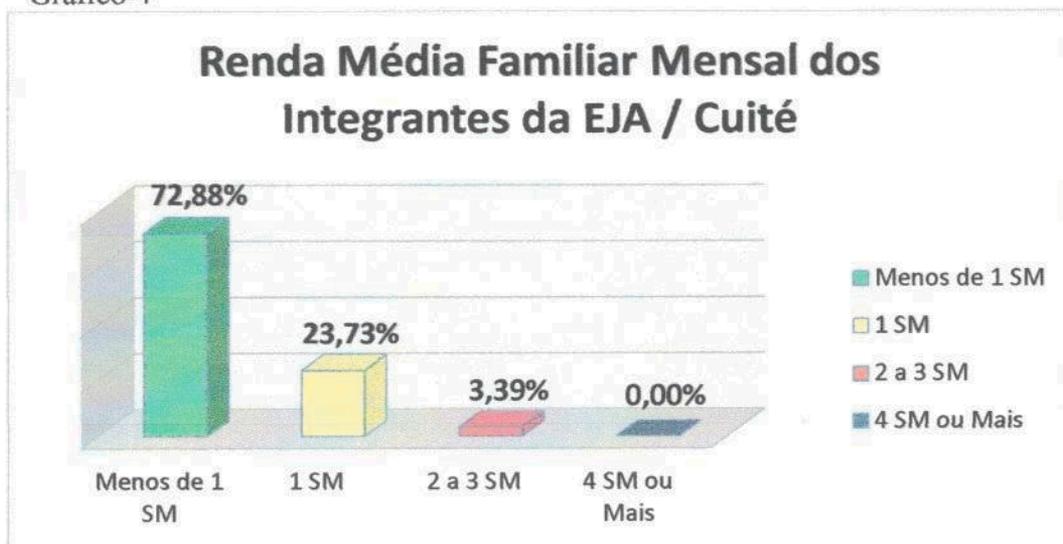
Podemos dizer que os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm).

Friedrich afirma que:

“A concepção de família para ele consiste em um agrupamento constituído de parentesco. Dessa forma também reforça o contexto social de diversidades em que o aluno está inserido. Defendemos que para compreender melhor o público que compõe esse tipo de programa de inclusão é preciso buscar o entendimento do que é viver a juventude na atualidade e no contexto dos modos de produção vigentes. A percepção da juventude neste espaço torna-se imprescindível visto que são grupos diversos que mantêm relações com outros grupos sociais, mas que constituem particularidades intrínsecas.”

(Friedrich 2009)

Gráfico 4



Verificamos que a maioria deles (aproximadamente 65%) não possui casa própria, ao responder no questionário que este seria o seu maior sonho. Podemos perceber também, que esses jovens e adultos convivem com as mais diversas dificuldades financeiras e almejam, além disso, um emprego para suprir suas necessidades básicas.

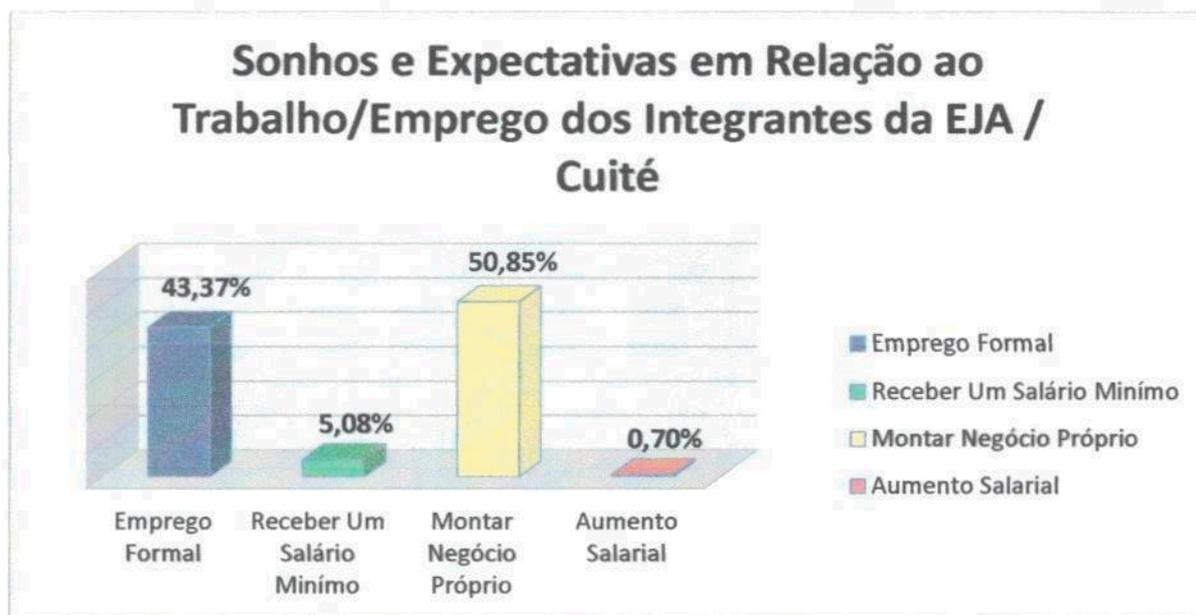
Os alunos de Educação de Jovens e Adultos têm traços de vida, origens, idade, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos muito diferentes. São pessoas que vivem em uma sociedade que prevalece o capitalismo, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos e nada disso deve ser relevado no processo educacional.

Arroyo assim afirma que:

“Essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo possível. Quando só os mestres tem o que falar não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo. Se toda educação exige uma deferência pelos interlocutores, mestres e alunos (as), quando esses interlocutores são jovens e adultos carregados de tensas vivências, essa deferência deverá ter um significado educativo especial.” (ARROYO, 2006, p.35).

Com relação aos sonhos expectativas dos jovens em relação ao trabalho/emprego a maioria deles respondeu acerca do desejo de montar um negócio próprio e outros conseguir um emprego formal. Comprova-se nessas respostas como os jovens almejam uma oportunidade de inserção no mundo do trabalho para buscar melhorar sua qualidade de vida, e ter acesso aos bens produzidos pela sociedade.

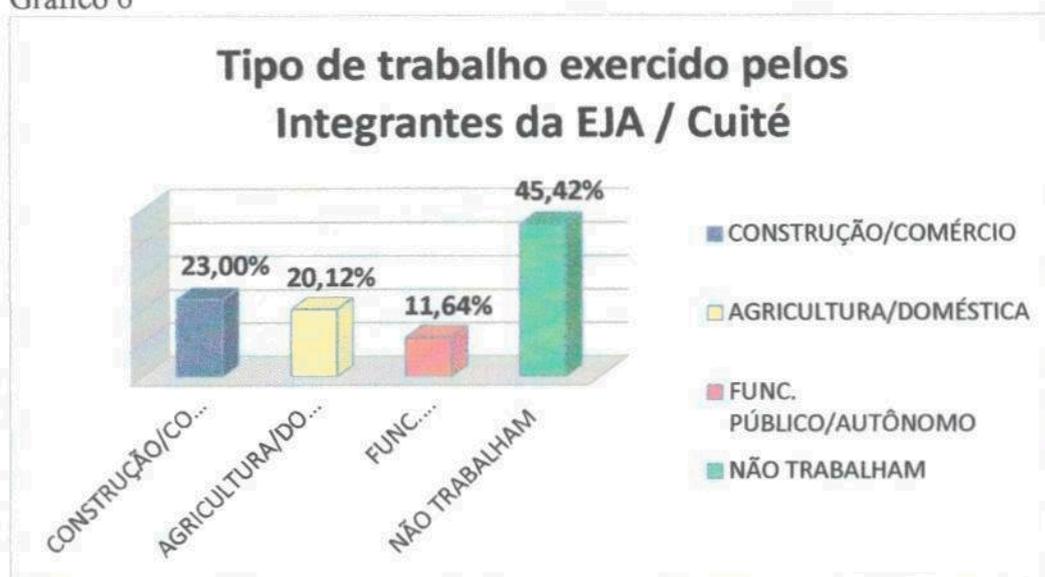
Gráfico 5



Com relação ao tipo de trabalho exercido pelos entrevistados, a grande maioria dos homens solteiros está no trabalho informal ou não trabalham. Muitos fazem os chamados “bicos” para ajudar na renda familiar. A maioria é ajudante de pedreiro, outros ajudam no comércio como entregador ou despachante e ainda alguns que trabalham na agricultura.

Um fato que merece destaque é que quando questionados sobre o conhecimento de uma associação ou cooperativa todos os entrevistados foram categóricos nas respostas e responderam que “não”.

Gráfico 6



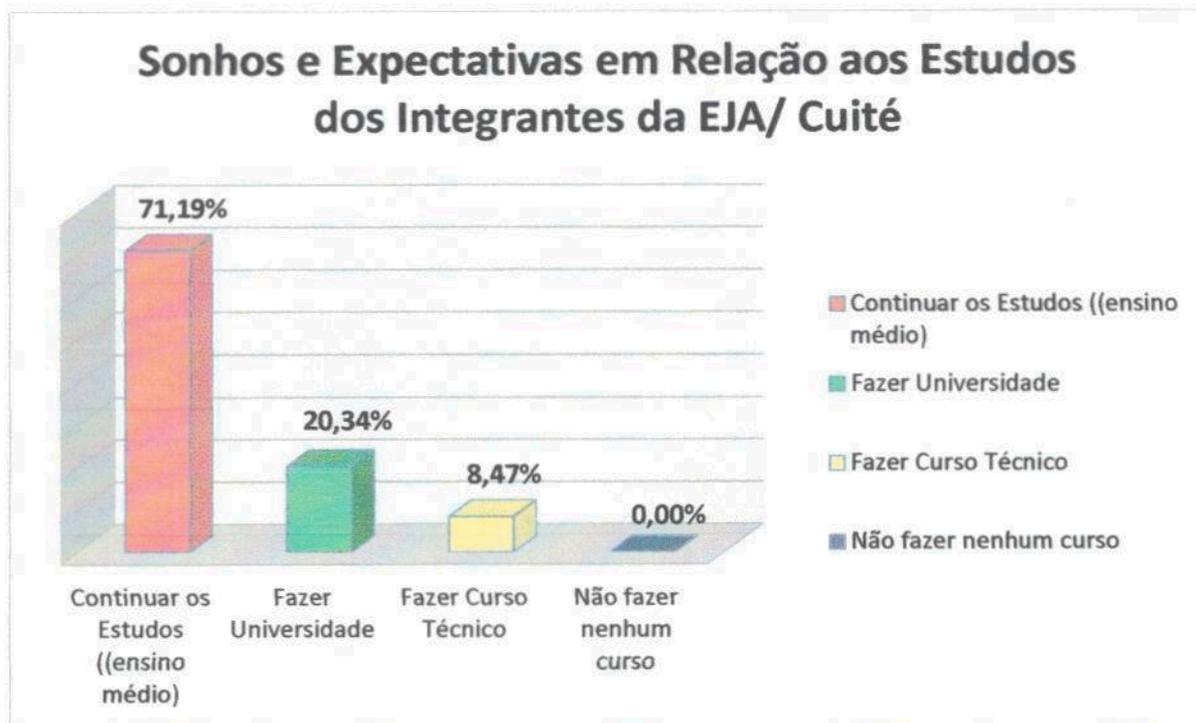
Ao escolherem o retorno para a escola, os jovens e os adultos têm como principal objetivo promover o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Buscam, através da escola, melhorar sua capacidade intelectual. Trata-se de uma decisão que envolve outras pessoas como família, o patrão, etc. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é, antes de tudo, um desafio, um projeto de vida. O depoimento de um jovem de 17 anos exemplifica esse pensamento: “Agora me interessa em concursos e sempre tento aprender o que é ensinado para facilitar em um possível ENEM” (Marcelo Machado)

O objetivo da volta à escola, segundo os alunos pesquisados, é para continuar os estudos almejando um futuro melhor, satisfação pessoal, voltar ao meio social, ou simplesmente, um diploma, e mais comum, que é conseguir um trabalho melhor e mudar sua situação econômica na qual se encontram atualmente.

Mesmo diante de várias situações de direitos negados, existem diferentes e inusitados fatores que motivam os alunos, uma vez afastados da escola, a retornarem. Em conversa informal com uma aluna, ela informou que havia parado de estudar na infância, casou e vivia razoavelmente bem, mas, voltou a estudar pra sair da monotonia, conhecer gente nova, fazer amizade.

Um fato que merece destaque é com relação às expectativas dos estudantes no que diz respeito ao término dos estudos. A maioria não apresenta expectativas para cursar uma universidade no futuro. Apenas relatam que tem o desejo de concluir a EJA. Estes alunos são justamente aqueles que passaram por várias repetições no ensino fundamental e se mostram bastante desestimulados com relação aos estudos.

Gráfico 7



## 4.2 Interpretação dos dados

Com base nesses dados podemos observar que o perfil dos alunos da EJA foi se modificando com o passar dos anos. O seu objetivo inicial era alfabetizar trabalhadores, na sua grande maioria rural, que não tiveram oportunidade e tempo de estudar. Essas salas eram compostas muitas vezes, por pessoas que mesmo cansadas, depois de um dia de serviço tinham interesse e muita vontade de aprender a ler e escrever. Hoje, a maioria das salas de aula de EJA é composta por jovens que acumulam em seu currículo diversas repetências do ensino regular e muitas vezes são rejeitados nessas salas por vários motivos. Acabam ingressando na EJA, sem nenhum estímulo, sem nenhuma perspectiva e terminam desistindo depois de poucos meses de aula. Essa realidade é constatada pelo fato de como as salas de aula da EJA iniciam, às vezes com as turmas superlotadas e acaba o ano com um número muito reduzido de alunos.

Na sala de aula de Educação de Jovens e Adultos evidencia-se a timidez dos alunos, atitudes de irreverência e transgressão. Esses alunos e alunas demonstram vergonha em perguntar ou em responder perguntas, nervosismo exagerado nas situações de avaliação, ou então, mostram-se agitados e indisciplinados. O papel do professor é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esse sentimento de insegurança é valorizar os saberes que os alunos trazem para a sala de aula, bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, pois isso, trará o resgate da autoimagem positiva, ampliando sua autoestima e fortalecendo sua confiança.

Dessa forma, entendemos que valorizar os saberes desses alunos é trazer para o contexto escolar situações vivenciadas no dia-a-dia. Inserir no plano de aula conteúdos que estejam relacionados com a realidade dos mesmos. Propor atividades que incentivem os alunos a perceberem a importância de estudar e como isso pode mudar a sua vida. Significa contemplar na escolarização, e especificamente na organização curricular, discussões sobre a função do trabalho na vida humana e as competências cognitivas necessárias a EJA, a partir das mudanças estruturais das novas formas de produção. Analisar e propor novas possibilidades de organização do trabalho pedagógico para esta modalidade de ensino, em atendimento ao perfil dos alunos da EJA.

Uma alternativa interessante para transformar a atual realidade desses jovens e adultos seria propor um projeto que buscasse valorizar os conhecimentos e experiências vividas por eles através da Economia Solidária, uma vez que, foi constatada que a maioria é desempregada e almeja montar um negócio próprio. Sabendo que o mundo do trabalho faz parte do seu contexto é importante identificar as habilidades de cada grupo social para geração de novas oportunidades de

inserção social buscando principalmente a valorização das relações de cooperação, uma melhor distribuição de renda e o fortalecimento do desenvolvimento local sustentável.

Diante do exposto, e de acordo com Gadotti (2009) que trata do Plano Setorial de qualificação social e profissional em Economia Solidária, alguns elementos metodológicos são essenciais para a concepção de uma nova educação:

“Uma orientação pedagógico-metodológica que valorize os educandos como sujeitos dotados de saberes e identidades socialmente construídas, assim como reconheça e valorize a diversidade cultural, étnica, Social, regional e de gênero;

Um projeto pedagógico que tenha como eixos gerais articuladores os temas de trabalho e da cidadania para, para propiciar ao educando uma articulação virtuosa entre sua inserção no mundo do trabalho e sua participação social e política. (Moacir Gadotti)

Podemos exemplificar usando uma aula de matemática em que explore as quatro operações através de preços de produtos (assunto bem comum entre adultos): primeiro pesquisar o preço das mercadorias, em seguida propor exercícios que envolvam adição, subtração, multiplicação e divisão.

De acordo com Paulino José Orso (2002):

Cabe ao professor, por meio do trabalho que realiza, portanto, ajudar a preparar os alunos, que em sua maioria, também são trabalhadores, para uma nova sociedade; a ajudar ao aluno transitar do estado de consciência alienada para a superação de seu estado de classe; servir de ponte entre a realidade atual e a que se quer construir.

É importante destacar alguns pontos importantes que levam esses alunos ao fracasso escolar como a forma como esses interagem com o ambiente escolar, modo como estabelecem relações com o saber e com o aprender, seu relacionamento com os professores e com colegas, suas relações familiares e os vínculos que constrói com o conhecimento. Em relação à escola, os motivos são o modelo pedagógico, perfil dos professores, falta de material, dentre outros. No âmbito social, o fracasso fica por conta das políticas públicas de educação e a secular desigualdade econômica e social da sociedade brasileira.

Talvez os profissionais ainda não se deram conta que o trabalho com esses alunos precisa ser diferenciado. A escolha de conteúdos adequados e a forma de repassá-los, com metodologias específicas são fundamentais para os alunos da EJA. Com base nisso, Paulo Freire (1986) diz:

“Educadores e grupos populares descobriram que a Educação Popular é, sobretudo o processo permanente de refletir a militância: refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar na direção de objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política,

recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em Possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua compreensão do mundo. Dessa forma são tão importantes para a formação certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que façam de sua realidade concreta.”

Paulo Freire

Os profissionais da EJA precisam ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos educativos que integram um projeto pedagógico, definindo as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos alunos, devem ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa turma poderá encontrar educandos com diferentes bagagens culturais e que possuem alguns conhecimentos sobre o mundo letrado, que adquiriram em breves passagens pela escola ou na realização de atividades cotidianas. Segundo Ribeiro (2001) é inegável, entretanto, que a participação dessas pessoas nessas atividades é muito precária, limitada e dependente; outro fator relevante é que a exclusão do conhecimento que se adquire na escola marca essas pessoas profundamente pela imagem que fazem de si e pelo estigma que a sociedade lhes impõe. Este é um dos motivos pelo qual muitas delas, mesmo tendo outras responsabilidades no trabalho e em casa decidem estudar.

É essencial acreditar nesse jovem, na sua capacidade de aprender, criar, propor e escolher, dando-lhe oportunidade de se expressarem livremente, de refletirem e criticarem, pois a educação é um trabalho de trocas, em que se ensina e se aprende dos dois lados, é um ato de amor, solidariedade e coletividade. Como afirma Freire (1986), a educação é a conscientização pelo desvelamento da realidade pelo estabelecimento de um projeto de transformação da mesma e pelo compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens e sua inserção na construção da sociedade e na direção da mudança social, substituindo a realidade mágica por uma mais crítica, baseada no diálogo e modificando o conteúdo dos programas de educação para a contextualização da realidade desses jovens e adultos.

Pensando nisso a inclusão de conteúdos na grade curricular que tratem da economia solidária seria uma forma de incentivar e apresentar para os jovens e adultos uma nova e diferente forma de transformar as suas habilidades em um empreendimento que busque valorizar o meio em que estão inseridos.

## 5. Considerações finais

Durante mais de dez anos em que as Escolas Elça Carvalho da Conceição e Tancredo de Almeida Neves ofereceram a educação para jovens e adultos, muitos alunos já passaram pelos bancos dessas escolas. Foram muitos alunos que nesse processo de idas e vindas, optaram por retornar e concluir os estudos. E agora, diante dessa pesquisa, podem-se entender os motivos que os fizeram decidir pelo retorno.

Diante das análises das respostas dos alunos, foi possível inferir que eles consideram que a educação é o meio mais importante e até mesmo o mais acessível para se conseguir trabalho e reconhecimento na sociedade. E que apesar das dificuldades passadas e presentes, os alunos ainda veem a escola com olhar de esperança. Esperança de conseguir um “emprego melhor”, ou até mesmo de conseguir o “primeiro emprego” e, assim, poder ter melhores condições de vida.

Assim a EJA se configura como possibilidade de elevação de escolaridade e também elevação da qualificação dos alunos trabalhadores ou dos que venham a ser. E dessa forma pode-se inferir que é por isso que à escola retornam, pois há sempre esperanças de mudar, de superar a condição de excluídos. Para outros alunos, a escola é aprendizado, é a forma de ser inserido na sociedade e até mesmo no convívio familiar.

Nas análises teóricas percebeu-se o quanto é importante a formação dos professores para atuarem com esse público da EJA. O quanto é importante se os mesmos tivessem essa preparação teórica, que buscassem base em diversos autores com o intuito de mudar o olhar sobre esses alunos, enxergando na profissão não só mais uma maneira de “ganhar a vida”, mas, sim, como possibilidade de resgatar vidas.

Pensando nisso, faz-se necessário um novo olhar em que novas alternativas de produção e economia estejam presentes.

Nesse sentido a Economia Solidária poderia ser introduzida como uma alternativa que destacasse o potencial à formação desses jovens. Numa perspectiva que buscasse situar a formação dos alunos em processos de desenvolvimento local.

Nesse sentido, encontrar alternativa para mudança de atitude em tempos difíceis em que os jovens veem na escola lugar de novos horizontes, faz-se necessárias novas propostas de organização para atuar na mesma.

Dessa forma é preciso que o sujeito passe por uma reeducação onde o poder da competição seja transformado em uma nova forma de pensar. Ainda segundo Paul Singer que discutia a dificuldade de usar da prática da solidariedade em uma sociedade capitalista:

Essa reeducação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a Economia Solidária dê os resultados almejados.

Estando ciente que nesse contexto de turmas em que o trabalho faz parte do seu mundo se torna essencial um olhar diferenciado com propostas inovadoras que proporcionem práticas de mudanças para o meio social e profissional. Pensando na famosa frase de Paulo Freire em que “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos.”

Enquanto ato pedagógico, isso se aplica inteiramente à Economia Solidária. Docentes e discentes são igualmente inexperientes. Os primeiros possuem conhecimentos teóricos, os segundos o saber que se adquire por tentativa e erro na prática. Nessa interação, produz-se um auto aprendizado mútuo. Somos todos autodidatas, pois não há aprendizado verdadeiro em que a curiosidade do aprendiz não tenha papel crucial.

Diante disso, podemos dizer que a função permanente da EJA é propiciar a todos a atualização de conhecimento que tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial e desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares e não escolares. Mais do que nunca ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

Nesse processo de formação coletivo são necessários jogos pedagógicos que possibilitem aproveitar as ideias nomeadas individualmente, num processo que preserve a igualdade de condições entre os trabalhadores, com direito a diferentes pontos de vista.

Na verdade, o que observamos em diversas falas de professores em conversas informais do dia-a-dia é que os mesmos gostam de atuar com o público de mais idade, consideram gratificante presenciar o crescimento e a formação dos alunos que se dá continuamente, mas com relação aos adolescentes eles alegam ser complicado e preocupante obter um resultado satisfatório, pois a grande maioria deles não apresenta nenhum interesse para estudar. Vão para a escola totalmente desmotivada, sem nenhuma perspectiva de futuro.

Dessa forma o que se pretendeu foi destacar os motivos que fizeram esses alunos desistirem da escola, e quando não relacionados, ao trabalho, a família, os motivos são de ordem pessoal. Tanto do retorno, quanto da desistência. Mas que a escola pode interferir sim, tanto de maneira positiva, quanto negativa. Logo, é preciso estar atentos com nossas práticas no nosso processo de ensinar.

## 6. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Lúcia Silva. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzalez. (org.). *Da escola carente à escola possível*. Apud São Paulo: Edições Loyola, 2003. In Kezia Costa Souza. *Debates em Educação Científica e Tecnológica*, ISSN 2179- 6955, v. 02, n°. 2, p. 61 a 76, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: *Kezia Costa Souza. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos*. In: Leôncio(org.) *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos*. In: Leôncio(org.) *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BEISIEGEL, C. de R. Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos. Apud., vera kaio kawahara. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, Jan./Abr.1999. 4, p.26-34

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (BRASIL). Parecer N°. 11/2000 - CEB - Aprovado em 10de maio de 2000.

BRASIL. *Lei nº 9.394*. Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos*. Brasília, 2000.

CONFITEA (Conferência Internacional sobre Educação de Adultos). *Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro*. 1999. Brasília: SESI/UNESCO. Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000006.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

FERREIRA, M. J. de R. *Escolarização e gênero feminino. Um estudo de caso no EMJAT/CEFETES*. In Jaqueline Cardoso *Inclusão e exclusão: o retorno e a permanência dos alunos*. ES, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra. 31ª Ed. 1996.

HADDAD, S. e DI PIERRO, M.C, *Escolarização de Jovens e Adultos*. Apud., vera kaio kawahara. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo. Mai/Jun/Jul/Ago. 2000, nº

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 15/09/2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 15/09/2013.

KAEFER e SILVA, Maria Teresinha. Um olhar sobre a postura do educador da Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva freiriana – 2008. Revista da Educação de Jovens e Adultos. Disponível em [www.reveja.com.br](http://www.reveja.com.br). Acesso em setembro de 2013.

KAWAHARA, vera kaio. O perfil dos jovens e adultos em processo de escolarização na rede pública em diferentes contextos. Curitiba, 2008.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira, Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. Apud. Vera kaio kawahara. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MEIRA, Michelle de Castro. Fracasso Escolar: de quem é a culpa? Disponível em: <http://www.divinopolis.uemg.br/revista/revista-eletronica3/sumario.htm> Acessado em 30 de

MEIRA, Michelle de Castro. Fracasso Escolar: de quem é a culpa? Disponível em: <http://www.divinopolis.uemg.br/revista/revista-eletronica3/sumario.htm> Acessado em 20 de agosto de 2013.

O QUE É CIDADÃO? - [www.codic.pr.gov.br/modules/.../conteudo.php](http://www.codic.pr.gov.br/modules/.../conteudo.php) - acesso em 25/09/2013.

OLIVEIRA, Edna Castro. Sujeitos-professores da EJA: visões de si mesmos em diferentes contextos e práticas. In Jaqueline Cardoso – Inclusão e exclusão: o retorno e a permanência dos alunos. ES, 2012.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Apud., vera kaio kawahara Revista Brasileira de Educação, nº 12. São Paulo, dez./1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Anped: jul/agot/set de 1999. nº 12.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Anped: set/out/nov/dez de 1999. nº 12.

ORSO, José Paulino. As possibilidades e os limites da educação: história e atualidade. São Paulo: Editora Ícone, 2002.

PAIVA, Jane. Direito à Educação para quem? Sem data. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/>. Acesso em 20 Setembro de 2013.

PATTO, M. H. S. (2000). A produção do fracasso escolar. Apud. Vera kaio kawahara São Paulo: Casado Psicólogo Livraria e Editora Ltda.

SINGER, Paul. A economia Solidária como ato pedagógico. In Sônia M. Portella Kruppa: Economia Solidária (org.) INEP. Brasília, 2013.

# Apêndices

UFCG/BIBLIOTECA

## Perfil dos alunos de EJA - Cuité

### 1-DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino  
Estado conjugal: ( ) solteiro/a ( ) casado/a ( ) separado/a ( ) outro.  
Qual? \_\_\_\_\_  
Filhos/as: ( ) 01 filho/a ( ) 02 filhos/as ( ) 03 filhos/as ou mais ( ) nenhum  
Renda média familiar mensal: ( ) menos de 1 SM ( ) 1 SM ( ) 2 a 3 SM ( ) 4 A  
MAIS SM  
Fonte da Renda: ( ) Bolsa escola/família ( ) Rede privada ( ) Rede pública ( )  
Pensão ( ) autônomo Qual? \_\_\_\_\_

- 1) Qual o principal motivo que contribuiu para que você desistisse de estudar na idade regular?  
A- Condições financeiras  
B- Trabalhar para ajudar nas despesas de casa  
C- Gravidez e/ou casamento precoce  
D- Várias reprovações
- 2) Qual o principal motivo que o fez retornar à escola?  
A - terminar os estudos e conseguir um diploma  
B - Conseguir um emprego melhor  
C - Arrumar um emprego  
D - Fazer amizade
- 3) Qual seu maior sonho?  
A- Emprego  
B- Casa própria  
C- Dinheiro  
D- Família  
E- Carro/moto/eletrodoméstico
- 4) Quais os seus sonhos/expectativas em relação ao estudo -educação?  
A- Continuar os estudos (Ensino Médio)  
B- Fazer Universidade  
C- Fazer um curso técnico  
D- Não vê a necessidade de fazer outros cursos
- 5) Quais os seus sonhos/expectativas em relação ao trabalho/emprego?  
A- Conseguir um emprego formal  
B- Receber um salário mínimo  
C- Montar um negócio próprio  
D- Reconhecimento do trabalho através de aumento salarial
- 6) Quais os seus sonhos/expectativas em relação ao futuro do País?  
A- Menos violência  
B- Menos corrupção  
C- Mais emprego  
D- Mais igualdade social  
E- Desenvolvimento ou crescimento do país  
F- Nenhuma expectativa de melhoria ou piora.
- 7) Qual a (s) sua (s) principal (is) forma (s) de lazer?  
A- Encontro com os amigos  
B- Festas tradicionais (Festas Juninas, Padroeira, Natal, etc)  
C- Passeios a shoppings, teatros, cinemas, etc  
D- Viagens  
E- Praticar esportes  
F- Eventos religiosos

## Questionário

- 1) Qual a sua idade e onde estuda?
  
- 2) Quantas pessoas moram com você? Quem são?
  
- 3) Qual a principal fonte de renda da família?
  
- 4) Você trabalha? Em quê? Se sua resposta for não, diga em que gostaria de trabalhar.
  
- 5) Você tem alguma habilidade? Qual?
  
- 6) Quanto tempo você ficou sem estudar? Quais as suas expectativas com relação à EJA?
  
- 7) Relate alguma experiência que lhe aconteceu depois que voltou a estudar. O que mudou na sua vida? Está melhor?
  
- 8) Você participa de alguma associação ou cooperativa? Qual? Sabe como funciona?
  
- 9) Escreva o (s) motivo (s) que lhe fez parar de estudar?